

A saga de um “integrador” de primeira viagem

O pecuarista Carlos Viacava enfrenta o desafio de fazer ILP em solos arenosos. DBO está acompanhando essa experiência e fará mais duas reportagens sobre o tema nos próximos meses.

■ MARISTELA FRANCO
maristela@revistadbo.com.br

Um dos maiores especialistas do País em integração lavoura-pecuária, o pesquisador da Embrapa João Kluthcouski, mais conhecido como João K, costuma dizer que a adoção da ILP é um desafio maior para os pecuaristas do que para os agricultores. Faltam-lhes, muitas vezes, conhecimento agrônomo, mão de obra especializada e infraestrutura para produção (máquinas, silos, galpões), além de familiaridade com os riscos inerentes à atividade, enquanto, para o agricultor, o pasto é uma cultura a mais, sendo necessário apenas aprender a manejar o gado, que pode ser introduzido no sistema apenas no inverno. “Quando o pecuarista decide encarar o desafio da ILP, contudo, passa a ter pastagens mais produtivas e a produzir uma arroba mais barata. Não larga mais o sistema”, assegura.



O pecuarista Carlos Viacava, 73 anos, um dos principais selecionadores de Nelore Mochô do Brasil e representante classista respeitado no setor, confirma a tese de João K. Em 2013, preocupado com a baixa lucratividade da pecuária,



Soja sobre um tapete de braquiária: promessa de maior rentabilidade para Viacava (acima).

ele decidiu fazer ILP em duas de suas fazendas: a Campina, de 2.480 ha, em Caiuá, próximo a Presidente Venceslau, na região sudoeste de São Paulo, e a São José, de 847 ha, no município de Paulínia, a 118 km da capital paulista. “Não foi um começo fácil. Tivemos de mudar toda a rotina das propriedades, desfazer cercas e módulos de rotação, vender gado para destinar área à agricultura, montar uma infraestrutura específica para ela e principalmente aprender a conviver com os humores de São Pedro. Mas não pensamos em desistir”, garante o “integrador” de primeira viagem, cuja experiência **DBO** está acompanhando de perto, desde o ano passado.

No caso da Fazenda Campina, em Caiuá, Viacava teve de enfrentar o risco de



plantar soja em terras consideradas impróprias para a cultura, devido à predominância dos chamados argissolos, que são pouco férteis e compostos por uma camada de 40 a 80 cm de textura arenosa, seguida por outra argilosa (mais densa), o que favorece a erosão e dificulta a infiltração de água em profundidade. Para começar o projeto na Fazenda Campina, o nelorista gastou R\$ 700.228 em recursos próprios na compra de insumos agrícolas e R\$ 797.900 em conjuntos mecanizados, adquiridos com recursos do Finame, Fundo de Financiamento para Aquisição de Máquinas e Equipamentos Novos (veja tabela na página ao lado). “Nosso principal objetivo com a ILP é melhorar a rentabilidade da fazenda, mas também queremos contribuir para



Faltou palhada para o plantio direto.



A soja nasceu, mas sentiu a seca.



Solo protegido produz mais

o desenvolvimento da região, ajudando a validar um modelo que sirva de exemplo para outros produtores”, justifica.

BATISMO DE FOGO – Inspirando-se nas ideias de João K e no trabalho pioneiro do agrônomo Edinaldo Auri Mathias, que há

10 anos faz plantio direto em argissolos, colhendo de 60 a 70 sacas de soja/ha, em Rancharia, SP (ele foi capa de DBO em fevereiro de 2012), Viacava seguiu em frente, mas passou por um batismo de fogo: a pior seca já registrada em São Paulo nos últimos 70 anos. “Plantamos 358 ha de soja na Fazenda Campina e 105 ha na São José em 2013/2014, mas colhemos apenas 156,4 ha na primeira e 85 ha na segunda. Conheci de perto a angústia do agricultor que vê sua lavoura morrendo por falta de chuva”, lembra o pecuarista, que não se deixou levar pelo pessimismo. Nesta safra, pretende fazer 494 ha de lavoura em Caiuá. “Apesar dos prejuízos com a soja, o saldo foi positivo em experiência e em produção de alimento para o gado na safrinha”.

Viacava não decidiu fazer ILP na Fazenda Campina porque ela estava degradada. Cerca de 914 ha (46% da área de pastagem) já eram rotacionados e adubados regularmente. “Quando João K esteve aqui pela primeira vez, em 2013, perguntei que nota dava à fazenda e ele disse: nota 9. Fiquei surpreso, mas, segundo João, em comparação com outras propriedades pelo Brasil, a minha estava em boas condições”, relembra Viacava. Por que, então, aventurar-se em uma atividade de risco tão alto como a agricultura? “Porque a pecuária sozinha já não dá receita suficiente para o produtor, mesmo quando se trabalha com animais de seleção; nem remunera o preço da terra na região de São Paulo. Quero deixar aos meus filhos e netos um negócio sustentável”, explica o nelorista, que já conta com a participação do filho Ricardo (o Cadão) na administração dos negócios da família.

Segundo João K, a coragem e a persistência demonstradas por Viacava são fundamentais para o sucesso da integração lavoura-pecuária. “Muitos pecuaristas desistem no primeiro ano quando se deparam com dificuldades, pois têm medo de novos prejuízos”, explica o pesquisador, salientando que não há outra forma de se viabilizar projetos agrícolas em solos arenosos,

DESPESAS COM INSUMOS (R\$)	
Fazenda Campina	
Calcário	73.359
Gesso	17.606
Fosfatagem	119.692
Adubo de plantio	239.860
Sementes forrageiras	15.000
Sementes graníferas	73.455
Tratos culturais*	161.254
Subtotal	700.228
Fazenda São José	
Gesso e calcário + frete	3.702
Sementes e tratos	101.682
Subtotal	105.384
Gastos totais insumos	805.612

* Herbicidas, inseticidas e inoculantes. Fonte: Viacava

cuja fertilidade precisa ser gradativamente construída por meio da incorporação de matéria orgânica e adubos químicos, em plantios diretos sucessivos. “Com o tempo, esse solo se tornará mais estruturado fisicamente e a lavoura mais produtiva, além de menos sujeita a perdas por veranicos, pois é protegida por um colchão de palha”, diz o pesquisador.

FALTOU PALHA – “Sabíamos da importância de produzir palhada para o plantio direto, mas o clima foi realmente carrasco conosco em 2013/2014”, lamenta Viacava. Assessorado por Edemar Moro, professor da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), entidade parceira do projeto, ele fez tudo direitinho: em maio de 2013, limpou a área destinada ao plantio e distribuiu 2 t de calcário, 500 kg de gesso e 400 kg de supersimples por hectare, conforme análise de solo, deixando o pasto em repouso por dois meses para acumulação de massa. Mas, quando o capim já estava alto, pronto para dessecação em agosto, veio uma geada forte e queimou boa parte das pastagens. “O capim não conseguiu re-

Realização:

DBO

Patrocínio:

SEMENTES PRESIDENTE
www.sementespresidente.com.br

jacto

brotar direito, pois muitas plantas-mãe haviam morrido com o frio, então semeamos milho na tentativa de obter palha para o plantio direto”, conta Juliano Roberto da Silva, gerente da Fazenda Campina.

Enquanto tentava equacionar essa questão, Viacava consultava periodicamente a meteorologia pelo celular, em busca de previsões de chuva para programar o plantio. Chegou outubro e nada. “Em novembro, conseguimos plantar alguns talhões, mas depois de uma chuvinha em dezembro e outra em janeiro, São Pedro esqueceu da gente”, diz o nelorista. Na região de Caiuá, chove em média 1.200 mm por ano, quantidade mais do que suficiente para o desenvolvimento da leguminosa, que exige cerca de 500 a 700 mm por ciclo, com precipitações mais concentradas na fase de enchimento dos grãos. Segundo Juliano Silva, alguns talhões de soja não receberam nem 160 mm de chuva em 2013/2014, enquanto outros foram mais “afortunados”, recebendo 238 mm em fases de maior exigência hídrica.

Quando **DBO** visitou a Fazenda Campina, em 10 de fevereiro deste ano, a tensão era grande, pois a leguminosa estava na fase em que mais necessitava de água e já apresentava aspecto murcho, por causa do estresse hídrico. Semanas depois, 61,7 ha de lavoura seriam transformados em silagem de soja para evitar perda total. Na

área mais arenosa (139,8 ha), onde faltou palha por causa da geada, a soja não suportou o calor e morreu degolada. Já nos talhões onde o capim forneceu algum suporte à cultura (156,4 ha), ela aguentou mais o tranco, fornecendo entre 21 e 35 sacos/ha. “Sem a camada protetora propiciada pelo capim dessecado, é muito difícil fazer agricultura em solos arenosos”, explica Edmar Moro, da Unoeste. “Na Fazenda São José, em Paulínia, também sofremos alguns percalços, como chuvas pesadas na fase de germinação, seguidas de seca, mas o resultado foi melhor e colhemos 45 sacos/ha”, informa Viacava.

GRATA SURPRESA – Apesar do sufoco vivido com a soja, Viacava teve uma grata surpresa com a integração lavoura-pecuária. Nos 61,7 ha onde a leguminosa foi transformada em comida para o gado (silagem), aproveitou-se o retorno das chuvas em fevereiro/março para plantar milho consorciado com braquiária. Depois de colhido o milho para silagem, o capim cresceu, ficando pronto para receber animais no inverno. Já nos 140 ha onde a soja foi degolada, semeou-se braquiário junto com milho e guandu anão, que também garantiram boa silagem, seguida de posterior pastejo. Parte dos talhões efetivamente colhidos (97,2 ha) foram plantados, em safrinha, com milho, braquiária e aveia, e

INVESTIMENTO EM MAQUINÁRIO E CONSTRUÇÕES (R\$)	
Fazenda Campina	
Trator 180 HP	190.000
Trator 78 HP usado	55.000
Pulverizador Advantage 3000	90.300
Barra de luz	7.200
Implemento para Big Bag	2.000
Pá Hidráulica	2.000
Tanque para água	8.300
Bomba	4.000
Subsolador	12.000
Plantadora adubadora	150.000
Tanque inoculador	23.500
Triturador rotativo	26.800
Carreta agrícola (Bazuka)	70.000
Subtotal	797.900
Fazenda São José	
Trator 6130	169.000
Implementos	3.135
Barras pulverizadoras	24.858
Betoneira	2.549
Subtotal	199.543
Investimento total	997.086
Fonte: Viacava	

outra parte (59,2 ha) com milho e braquiária, ambos para pastejo direto. “Nos quatro casos, obtivemos forragem de qualidade para os animais no período mais crítico da entressafra”, informa Juliano.

“Os pastos provenientes da ILP salvaram a fazenda neste ano tão difícil”, acrescenta Viacava, lembrando que, sem eles, teria gasto muito dinheiro com ração. Em 22 de agosto (pico da seca), quem participou do dia de campo organizado pelo produtor na Fazenda Campina, em Caiuá, pôde observar os animais comendo milho ou capim de primeiro ano (verde e farto, como no período das águas), enquanto em boa parte das fazendas vizinhas os pastos se apresentavam secos e com pouca massa. Antes, Viacava tratava seus animais de recria, durante a seca, com silagem de capim e 1 kg de concentrado cab/dia, obtendo ganho diário de 500 g/cab. Neste ano,



Colheita da soja na Fazenda Campina, em Caiuá, oeste paulista.



Animais, em pasto proveniente de ILP, ganharam mais peso do que os suplementados com ração.

pesagens feitas em bezerros desmamados, mantidos por dois meses (maio e junho) na área de milheto/ruzizienses, mostrou desempenho muito superior: 915 g/cab/dia, sem suplementação.

“Não decidi plantar soja para me transformar em um agricultor, mas para produzir comida para o gado, cuja demanda é alta na seca. Já chegamos a encher cinco silos de 800 t cada com silagem de milho, capim ou sorgo, para sustentar os animais nesse período a um custo alto. Com a integração, espero que essa produção de alimentos se torne mais barata”, diz Viacava. A Fazenda Campina é especializada em cria e sustenta parte do plantel de 2.600 matrizes puras Nelore Mocho pertencentes ao selecionador, que faz quatro leilões por ano, tem 15 reprodutores em centrais e comercializou 800 touros e 300 matrizes em 2013. Além de participar há 25 anos do PMGRN, Programa de Melhoramento de Gado da Raça Nelore, da USP-Ribeirão Preto, ele ainda mantém parceria com a Embrapa Cerrados e o Paint (Programa de Melhoramento Genético em Gado de Corte) da CRV Lagoa. “Esse rebanho, de alto potencial genético, não pode passar fome”, salienta.

PROJEÇÕES FUTURAS – Convicto de que a integração é a melhor alternativa para melhorar a produtividade da fazenda, Viacava já se prepara para plantar a próxima safra de soja. “Dessa vez, fiz seguro, embora ele não dê muita cobertura porque a região de Caiuá não é considerada um

polo agrícola. Em função do maior risco, o seguro garante apenas reembolso equivalente a 19 sacas/ha em caso de sinistro, enquanto, pelos nossos cálculos, o custo somente com insumos é de R\$ 1.320/ha, ou 22 sacas vendidas a R\$ 60 cada”, pondera o criador.

Nesta safra, Viacava vai plantar soja apenas em parte dos 357 ha que cultivou em 2013/2014. “Decidimos destinar os talhões mais arenosos, onde a soja não vingou no ano passado, exclusivamente à pecuária por algum tempo e converter outros 170 ha de pastagem em lavoura. Apesar do custo alto do plantio de primeiro ano, essa medida nos permitirá melhorar mais rapidamente a fazenda e minimizar riscos”. Segundo o produtor, a área nova demandará um esforço extra no preparo, pois está desnivelada e cheia de tocos, que precisam ser arrancados com trator de esteira. “Normalmente, o pecuarista não precisa efetuar essas operações para formar pastagens, pois as sementes de capim são distribuídas a lanço. Já na agricultura, elas são fundamentais, pois as máquinas não transitam bem em áreas irregulares”, explica Edmar Moro.

Após o nivelamento do solo, será semeado milheto aproveitando-se alguma chuva de inverno, para que, na época adequada ao plantio da soja (outubro/novembro), se tenha massa suficiente de forragem para dessecação. “Já compramos os insumos e estamos animados com as previsões climáticas para 2014/2015”, diz Viacava,

Perfil do Produtor

Carlos Viacava não é um pecuarista típico. Sempre manteve um pé na cidade e outro no campo. Seu pai era italiano, dono de um laboratório em São Paulo, mas gostava de terra e possuía um sítio em Paulínia, onde a família passava as férias. Viacava formou-se em economia pela USP, onde foi aluno de Delfim Neto, que lhe arrumou o primeiro emprego, em 1962, na Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí. Nos anos seguintes, os dois trabalharam juntos em vários órgãos e, quando Delfim se tornou ministro do Planejamento, no governo Figueiredo, Viacava assumiu o comando da Secretaria Especial de Abastecimento e Preços. Depois, foi secretário geral do Ministério da Fazenda e diretor da Cacex.

Quando deixou o governo, Viacava usou a experiência acumulada na área de exportação para dar consultoria, especialmente na área de carne, café e citricultura. Também passou a dedicar-se mais à pecuária. Em 1986, incentivado pelo amigo Ovídio Carlos de Brito, começou a criar Nelore Mocho. Logo procurou ferramentas mais modernas para seleção dos animais, filiando-se ao “Programa da USP-Ribeirão Preto”, hoje conduzido pela ANCP, Associação Nacional de Criadores e Pesquisadores, da qual é vice-presidente. Viacava também comandou a Associação de Criadores de Nelore do Brasil por dois mandatos (1999 a 2005), sendo responsável pelo lançamento do Programa Nelore Natural, que visa agregar valor à carne de animais dessa raça.

ressaltando que um dos saldos positivos desse primeiro ano de ILP foi uma maior compreensão da dinâmica agrícola. “Agora sabemos que é preciso produzir no mínimo 35 sacas de soja/ha para cobrir despesas com mão de obra, horas-máquina, amortização de investimentos no preparo do solo e na colheita, que é terceirizada. O que colhermos acima desse patamar será lucro”, conclui.

O desafio de plantar na areia

A pesar de 2013 ter sido um ano péssimo para “debutar” na integração lavoura-pecuária, João K não tem dúvida de que a técnica é viável e pode significar a redenção para os argissolos do País, que, além do oeste paulista, se estendem pelo noroeste do Paraná, norte de Goiás, oeste da Bahia, centro do Mato Grosso do Sul e do Tocantins, totalizando cerca de 44 milhões de hectares. Boa parte dessa área está coberta por pastagens, em sua maioria degradadas, que poderiam ser recuperados por meio da ILP, se os pecuaristas se animarem a fazer lavoura, sozinhos ou em parceria com agricultores experientes. No caso do oeste paulista, segundo João K, a integração é ainda mais interessante, pois já existe uma infraestrutura pronta para colheita, escoamento, armazenamento e esmagamento dos grãos no Estado.

Se o modelo em fase de implantação na Fazenda Campina, já adotado há 10 por Edinaldo Mathias em Rancharia e hoje carro-chefe do desenvolvimento da região do Arenito Caiúá for difundido para outras partes do País, será possível aumentar consideravelmente a produção nacional de grãos sem necessidade de abertura de novas terras na Amazônia. “É importante frisar que os argissolos não devem ser cultivados no sistema convencional. O modelo adequado à região é o plantio direto sobre farta camada de palha, fazendo-se dois anos de soja, seguidos de milho consorciado com capim em safrinha, e depois dois ou três anos de pastagem”, diz Edeimar Moro, da Unoeste.

TECNOLOGIAS ADOTADA – Viacava escolheu justamente esse modelo para fazer ILP na Fazenda Campina, cuja área destinada à agricultura foi dividida em quatro módulos, para se possibilitar a rotação bianual. A meta do selecionador é manter



Inoculação no sulco garante maior produção de nódulos nas raízes (planta à direita) e lavoura mais produtiva.

50% da fazenda com lavoura e 50% com pecuária, sem diminuir o tamanho do rebanho. Pelo contrário, a projeção é de que este aumente em pelo menos 30% a partir do terceiro ano. Levantamento realizado por Ricardo Viacava mostrou que a lotação já passou de 1,9 cab/ha, em 2013, para 2,2 cab/ha neste ano, em função dos bons pastos de inverno. “Além de reduzir o custo por arroba e aumentar a capacidade de suporte da fazenda, queremos produzir touros mais pesados a pasto, fazer seleção para precocidade sexual e aumentar a produção de bezerros por matriz disponível”, diz Cadão.

Edeimar Moro informa que serão testadas, na Fazenda Campina, algumas tecnologias ainda pouco difundidas na região, como a distribuição do inoculante de soja no sulco de plantio durante o processo de semeadura, para melhorar a fixação bio-



lógica de nitrogênio pelos rizóbios que vivem em simbiose com a planta. Segundo ele, quando o produto é misturado a sementes previamente tratadas com fungicidas e micronutrientes, parte das bactérias morre. “A distribuição do inoculante no sulco aumenta a produtividade da soja”, diz Moro.

O professor da Unoeste também pretende fazer dessecação antecipada do pasto, pois isso possibilita que as raízes do capim apodreçam antes do plantio da leguminosa, tornando o solo mais poroso e apto à retenção da água da chuva, o que favorece a cultura, além de facilitar a semeadura. Na Fazenda Campina, a aplicação de herbicidas está sendo feita com um pulverizador Advantage com capacidade para 3.000 litros. Também estão sendo testadas cultivares de soja transgênica resistente ao glifosato. ■



Realização:

DBO

Patrocínio:

SEMENTES PRESIDENTE
www.sementespresidente.com.br

jacto